



A ONU considera que o lugar mais mortífero para as mulheres é a sua casa

Deanna Paul

26 de novembro de 2018

No ano passado, 137 mulheres em todo o mundo foram mortas todos os dias por parceiros íntimos ou familiares.

De acordo com o relatório de 2018 sobre o assassinato de mulheres e raparigas divulgado domingo pelo Gabinete das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, cerca de 87.000 foram mortas em todo o mundo em 2017, 58% das quais vítimas de violência doméstica ou familiar.

Muitas destas mortes poderiam ter sido evitadas.

Jean-Luc Lemahieu, director de análise política e informação pública do Gabinete das Nações Unidas contra a Droga e o Crime, disse ao The Washington Post que mais de 30.000 dessas mortes foram o resultado de abusos domésticos.

Os homicídios domésticos são "o fim trágico de um ciclo de abuso e violência", disse Lemahieu. "Quando uma mulher perde a sua vida, não é sem previsões - vemos incidências de violência verbal e outras formas de violência". O padrão é estabelecido muito antes do homicídio".

De acordo com o estudo, a violência contra as mulheres é quase universalmente subreportada às autoridades. A relutância em apresentar-se é multifacetada. A investigação sugere que pode ser atribuída a um "medo de represálias, dependência económica e psicológica, antecipação de que a polícia não levará a sério as acusações e encarar a agressão como um assunto privado", afirma o

relatório. O relatório da ONU foi divulgado para coincidir com o seu Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, uma campanha de sensibilização para a violência baseada no gênero e a sua prevalência global.

"Ainda não conhecemos a verdadeira extensão da violência contra as mulheres, pois o medo de represálias, o impacto de não se acreditar, e o estigma suportado pela sobrevivente - não pelo perpetrador - silenciaram as vozes de milhões de sobreviventes da violência e mascararam a verdadeira extensão das experiências horríveis continuadas das mulheres", disse Phumzile Mlambo-Ngcuka, directora executiva da ONU Mulheres, numa declaração. "Este ano, juntamente convosco, pretendemos apoiar todos aqueles cujas vozes ainda não foram ouvidas".

Fotos de partir o coração mostram como é viver numa cidade amuralhada de um bordel.

O relatório concluiu que a probabilidade de as mulheres serem mortas por familiares ou parceiros íntimos aumentou mais de 10% desde 2012; as mulheres nas Américas e em África são agora as que correm maior risco.

O relatório também apelou a uma resposta coordenada das forças da lei que dê poder e proteja as vítimas e responsabilize os seus agressores. Vários países lançaram iniciativas e formação para combater a violência baseada no gênero.

"A subnotificação de abusos domésticos destaca o sistema judicial como uma área que necessita de muito trabalho", disse Lemahieu. Ele citou números da Itália, que relatam que 31.500 mulheres em cada 100.000 com idades compreendidas entre os 16 e os 70 anos irão sofrer

violência física e sexual, de acordo com um inquérito vitalício. Os homicídios domésticos ocorrem em 0,4% desses casos, enquanto 35 irão denunciar abusos domésticos às autoridades.

"Precisamos de sensibilizar o sistema judicial - fazer com que as mulheres se sintam à vontade para denunciar, que sejam ouvidas e que haja implicações para o agressor", disse Lemahieu.

<https://www.washingtonpost.com/world/2018/11/26/un-finds-deadliest-place-women-is-their-home/>